

ESTRATÉGIA, CONFLITO E CIÊNCIA TÁTICA: FUNDAMENTOS ORIENTAIS E OCIDENTAIS APLICADOS À ATIVIDADE POLICIAL

Das lições de Sun Tzu a Clausewitz, do ciclo OODA ao ICS/NIMS: a Ciência Tática Policial do século XXI se ergue sobre milênios de pensamento estratégico, integrando psicologia do conflito, liderança, informação e interoperabilidade para salvar vidas e fortalecer instituições.

Valmor Saraiva Racorti*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

1. INTRODUÇÃO: ESTRATÉGIA, CONFLITO E ATIVIDADE POLICIAL

A estratégia acompanha a humanidade desde os primeiros agrupamentos sociais, constituindo-se como a resposta à necessidade de administrar recursos escassos, enfrentar ameaças, estruturar cooperação interna e impor a própria vontade diante de resistências externas. Em sua acepção mais abrangente, a estratégia transcende o campo militar, abarcando qualquer situação em que um ator precise tomar decisões em ambientes de risco, incerteza e conflito. Nessa medida, ela expressa uma característica antropológica

fundamental: a necessidade humana de interpretar o ambiente, reduzir incertezas, antecipar comportamentos e influenciar a ação de outros agentes.

Historicamente, duas grandes tradições intelectuais se destacaram no desenvolvimento do pensamento estratégico. A tradição oriental, composta por autores como Sun Tzu, Sun Bin, Wu Qi e Mozi, privilegia a dimensão psicológica, moral e informacional do conflito. Sua ênfase recai sobre a manipulação de percepções, o controle do tempo, a economia de meios, a indução cognitiva e a busca da vitória sem combate. Em termos científicos, trata-se de uma matriz que antecipa as discussões contemporâneas sobre viés cognitivo, guerra de informação, operações de influência, consciência situacional e domínio do ciclo decisório.

Essa matriz oriental, entretanto, não se limita à Antiguidade. Nos séculos XX e XXI, autores chineses contemporâneos ampliaram o seu alcance. Qiao Liang e Wang Xiangsui, coronéis da Força Aérea do Exército de Libertação Popular (China), publicaram, em 1999, a obra *Unrestricted Warfare*, na qual defendem que os conflitos modernos são de multidomínio, abrangendo economia, finanças, mídia, redes sociais, sistemas jurídicos e ciberespaço. Mais recentemente, pesquisadores como Qin Jialin e generais da Academy of Military Sciences (AMS) desenvolveram a doutrina da guerra informatizada (*computerized warfare*), centrada na integração de sensores, dados, algoritmos e unidades operando em rede. Essas teorias atualizam a matriz oriental ao contexto da era digital, aproximando-a das ciências contemporâneas da informação, da complexidade e da decisão em ambientes saturados de estímulos.

A tradição ocidental, por sua vez, construiu, ao longo dos séculos, uma abordagem estruturada pela disciplina, pela organização das forças, pela moral, pela logística e pela busca da decisão. Autores como Alexandre, Aníbal, Maquiavel, Clausewitz e Jomini desenvolveram modelos baseados na liderança, na manobra, na unidade de comando e na concentração de esforços. Em pensadores contemporâneos, como John Boyd, William S. Lind, Sid Heal e Stanley McChrystal, essa tradição incorpora elementos da teoria dos sistemas, da neurociência, da psicologia da decisão e da adaptação a ambientes complexos.

Embora originadas em contextos culturais diversos, as matrizes orientais e ocidentais convergem em um aspecto fundamental: o conflito é, em sua essência, um embate entre vontades humanas sob condições de incerteza. Tanto para Sun Tzu quanto para Clausewitz, embora se expressem em linguagens distintas, o conflito é determinado pelo elemento humano: medo, pressão do tempo, erro, fricção, fadiga, percepção e interpretação.

No século XXI, a atividade policial situa-se, precisamente, nesse cruzamento entre estratégia, comportamento humano, risco e incerteza. A polícia opera em ambientes altamente voláteis, frequentemente assimétricos, sob forte exposição pública, pressão midiática, escrutínio jurídico e exigência de proporcionalidade. Incidentes como ataques ativos, distúrbios, crises com reféns, confrontos armados, desastres tecnológicos e eventos de grande vulto representam arenas decisórias complexas, nas quais a tomada de decisão há de ser rápida, informada, responsável e centrada na preservação da vida.

A esses desafios soma-se a necessidade contemporânea de interoperabilidade. Ocorrências

críticas exigem coordenação entre múltiplas instituições: polícia, bombeiros, serviços médicos de emergência, defesa civil, inteligência, órgãos políticos e, frequentemente, atores privados. Nesse contexto, sistemas como o Incident Command System (ICS) e o National Incident Management System (NIMS) – e, no Brasil, a proposta de um Sistema Nacional de Gerenciamento de Incidentes (SNGI) – tornam-se indispensáveis. Essas estruturas fornecem um arcabouço padronizado para comando, controle, fluxos de informação, planejamento, logística e comunicação, organizando o ciclo completo de gestão de riscos: prevenção, proteção, mitigação, resposta e recuperação.

O presente artigo desenvolve uma análise cronológica e conceitual dos principais estrategistas do Oriente e do Ocidente – incluindo Sun Tzu, Sun Bin, Wu Qi, Mozi, Qiao Liang, Wang Xiangsui, Qin Jialin, Alexandre, Aníbal, Maquiavel, Clausewitz, Jomini, John Boyd, Sid Heal e Stanley McChrystal – para demonstrar como suas formulações estruturam os pilares da Ciência Tática Policial. Busca-se explicitar de que modo conceitos como psicologia do conflito, assimetrias, liderança, fricção, tempo, rede, ciclo decisório, engenharia operacional, tecnologia e interoperabilidade constituem fundamentos para a atuação policial moderna.

A premissa central é que a integração entre a matriz oriental, a matriz ocidental e os sistemas contemporâneos de gerenciamento de incidentes oferece o modelo mais robusto, cientificamente fundamentado e operacionalmente eficaz para a segurança pública do século XXI. Estudar esses autores não é simples exercício teórico, mas ferramenta para reduzir mortes evitáveis, aumentar a segurança dos policiais, proteger a população e fortalecer a legitimidade das instituições.



*Linha do tempo das tradições estratégicas oriental e ocidental e sua convergência para a Ciência Tática Policial (séc. V a.C. – séc. XXI).
Elaboração do autor.*

2. MATRIZ ESTRATÉGICA ORIENTAL E SUA CONTRIBUIÇÃO À CIÊNCIA TÁTICA POLICIAL

A matriz oriental da estratégia desenvolveu, ao longo de mais de dois milênios, um corpo teórico marcado pela centralidade da mente, da informação, do tempo, da moral, da disciplina e da engenharia aplicada ao conflito. Em contraste com tradições que privilegiam o choque frontal e a força bruta, os pensadores orientais buscaram compreender como percepções, emoções, crenças, estruturas organizacionais e tecnologia moldam a decisão humana sob risco. Quando reinterpretados à luz da realidade da segurança pública contemporânea, esses autores oferecem fundamentos sólidos para a Ciência Tática Policial, especialmente em incidentes críticos, nos quais a simples superioridade de meios não garante o sucesso, e a preservação da vida depende da capacidade de ler o ambiente, controlar narrativas, gerir o tempo, reduzir a letalidade e coordenar múltiplos atores em cenários complexos.



Pensadores da matriz estratégica oriental e suas contribuições à Ciência Tática Policial (séc. V a.C. – séc. XXI). Elaboração do autor.

2.1 SUN TZU (CHINA, 544-496 A.C.): PSICOLOGIA DO CONFLITO, INFORMAÇÃO E TEMPO ESTRATÉGICO

Sun Tzu, autor de *A Arte da Guerra* (2018), é reconhecido como o fundador da matriz psicológica e informacional da estratégia. Escrevendo durante o Período das Primaveras e Outonos, em um contexto de fragmentação política e competição intensa entre principados, ele concebe o conflito como um fenômeno essencialmente cognitivo: antes de ser um choque de armas, a guerra é um confronto de percepções, expectativas, interpretações e decisões. Sua máxima de

que a verdadeira excelência consiste em “vencer sem combater” não expressa pacifismo¹, mas uma compreensão profunda de que a vitória resulta do colapso moral e emocional do adversário, da desorganização de sua vontade de resistir e do controle do ambiente informacional.

A ênfase de Sun Tzu na informação como recurso estratégico central antecipa, de forma impressionante, discussões modernas sobre inteligência, análise de risco e tomada de decisão sob incerteza. Ao afirmar que é indispensável “*conhecer o inimigo e conhecer a si mesmo*”, Sun Tzu destaca que o erro decisório decorre, em grande medida, de lacunas informacionais e de interpretações distorcidas da realidade. Esse raciocínio dialoga diretamente com modelos contemporâneos de viés cognitivo, como os propostos por Kahneman (2012) e com a doutrina de inteligência estratégica (HEUER, 1999). Além da informação, Sun Tzu trata o tempo como oportunidade; agir no momento em que o adversário está desorganizado, cansado, mal informado ou em posição desfavorável amplia, de forma exponencial, a eficácia de cada decisão. Essa noção de ritmo e oportunidade convergirá, séculos depois, com o ciclo OODA, de John Boyd, segundo o qual vence quem observa, se orienta, decide e age mais rapidamente que o oponente.

Sun Tzu fundamenta a Ciência Tática Policial porque a atividade policial moderna se desenvolve, predominantemente, em cenários cognitivos e emocionais altamente instáveis. Em crises com reféns, ataques ativos, distúrbios civis, ocorrências com suicidas armados ou situações de violência doméstica, a solução não depende apenas da força disponível, mas da capacidade de controlar percepções, administrar o medo, reduzir o pânico, utilizar o tempo de maneira inteligente, comunicar com clareza e agir com base em informações confiáveis. A lógica de “*vencer sem combater*” dialoga com a doutrina do uso progressivo da força, com a primazia da preservação da vida e com a ideia de que a intervenção policial mais eficaz é aquela que resolve o incidente com o mínimo necessário de violência.

Aplicada diretamente à atividade policial, a doutrina de Sun Tzu sustenta a necessidade de inteligência prévia, estudos de área, análise de padrões e preparação informacional antes da intervenção; orienta a gestão estratégica da imprensa e das redes sociais em incidentes de grande repercussão, reduzindo boatos e insegurança; oferece fundamentos para a negociação em crises, para a desorganização emocional controlada do agressor, para o uso deliberado do tempo – intervir rapidamente quando a ameaça é imediata, ganhar tempo quando a estabilização favorece a preservação de vidas –, e para o planejamento de operações especiais fundamentadas em surpresa controlada, isolamento e contenção. Não por acaso, os princípios de Sun Tzu aparecem, de forma operacionalizada, nas fases de prevenção, proteção, mitigação, resposta e recuperação do ICS/NIMS, que tratam informação, tempo e oportunidade como eixos centrais da gestão de incidentes.

1 *De fato, o pacifismo é o capitular ante o inimigo. Dar-se-ia, assim, espaço para que o inimigo avançasse. Não tem nada a ver com a paz que é a tranquilidade da ordem, mantida ou restaurada após negociações ou o necessário confronto apto a repelir à injusta agressão.*

2.2 SUN BIN (CHINA, SÉCULO IV A.C.): ASSIMETRIA, ENGANO E COLAPSO COGNITIVO

Sun Bin, estrategista do Período dos Reinos Combatentes e autor do *Sun Bin Bingfa* (2003), aprofunda a dimensão cognitiva e assimétrica do conflito. Diferentemente de tradições que associam vitória à superioridade numérica ou tecnológica, Sun Bin parte da premissa de que o estado normal da guerra é a assimetria: raramente os recursos estão lado a lado em equilíbrio, e o estrategista deve aprender a transformar fraquezas aparentes em vantagens reais. Para isso, o engano deixa de ser apenas ardil tático e passa a ser ferramenta sistemática de indução cognitiva. O objetivo não é simplesmente ocultar intenções, mas gerar estímulos, sinais ambíguos e ambientes de incerteza que levem o adversário a interpretar mal a situação e a tomar decisões autodestrutivas.

As campanhas de Sun Bin, em especial a vitória em Maling, ilustram de forma exemplar o colapso decisório que hoje se explica com base no ciclo OODA: ao manipular a fase de observação e, sobretudo, a de orientação do inimigo, o estrategista provoca uma cadeia de decisões inadequadas que culmina em derrotas catastróficas. Em termos contemporâneos, Sun Bin antecipa a compreensão de que o ponto crítico da decisão não é a quantidade de informação disponível, mas a forma como essa informação é interpretada sob pressão, com vieses, medo e urgência temporal.

Para a Ciência Tática Policial, Sun Bin é essencial, pois a maior parte das operações policiais relevantes se dá em condições de assimetria. Policiais raramente escolhem o melhor terreno; frequentemente atuam em ambientes hostis, com limitações de recursos, sob pressão midiática e com o risco permanente de letalidade. Nessas circunstâncias, insistir em abordagens frontais e previsíveis tende a aumentar o risco para policiais e civis. A doutrina de Sun Bin oferece uma alternativa: em vez de buscar o confronto direto, o policial pode manipular o ambiente, a comunicação e o tempo de forma a induzir o agressor a erros decisórios. Por exemplo, saídas em direção a áreas controladas, rendições voluntárias, abandono de armas ou deslocamentos para posições menos vantajosas.

Na prática policial, os ensinamentos de Sun Bin fundamentam técnicas de negociação que exploram contradições internas do agressor, o uso de estímulos graduais para reduzir sua resistência, a canalização e o desgaste em situações de barricada, o controle de estímulos em distúrbios coletivos, a montagem de cenários que favoreçam rendições seguras e a criação de “janelas cognitivas” em que equipes táticas possam intervir com menor risco. Ao mostrar que a força mais poderosa é a decisão errada que o adversário toma sozinho, Sun Bin reforça a centralidade da psicologia e da engenharia comportamental na redução da letalidade e na gestão de incidentes complexos.

2.3 WU QI (CHINA, 440-381 A.C.): LIDERANÇA MORAL, DISCIPLINA EMOCIONAL E COESÃO OPERACIONAL

Wu Qi, general e estadista, autor do *Wuzi* (WU QI, 2010), é um dos maiores teóricos orientais da liderança e da organização militar. Seu pensamento se constrói sobre a ideia de que o

desempenho em combate não é apenas função de armas, táticas ou números, mas, sobretudo, do caráter e do comportamento do comandante, da disciplina emocional da tropa e da coesão interna da organização. Para Wu Qi, a tropa reproduz os vícios e virtudes do líder; a falha tática é, em última instância, consequência de uma falha moral ou organizacional. O comandante deve compartilhar riscos, agir com justiça, demonstrar autocontrole e manter coerência entre o discurso e a prática, pois é assim que é gerada a confiança, lealdade e disciplina genuína.

Ao enfatizar a necessidade de treinamento padronizado, repetição de procedimentos e clareza de responsabilidades, Wu Qi antecipa os princípios que hoje orientam a padronização doutrinária do ICS/NIMS: funções definidas, protocolos claros, linguagem comum, fluxos previsíveis e comando estabelecido. Sua preocupação com a disciplina emocional – a capacidade de manter o controle psicológico sob pressão extrema – dialoga com abordagens contemporâneas sobre resiliência, estresse operacional e prevenção de erros em cascata.

Na Ciência Tática Policial, Wu Qi oferece um fundamento indispensável. A atuação policial em incidentes críticos depende da qualidade dos líderes no ponto de contato, desde comandantes de grandes operações até supervisores de patrulha e líderes de equipes especiais. Em situações de alta tensão, como confrontos armados, ataques ativos ou crises com reféns, o comportamento emocional do líder influencia diretamente no nível de controle da equipe. Comandantes impulsivos, incoerentes ou desorganizados tendem a gerar improvisações perigosas, escaladas desnecessárias e falhas de comunicação; em contrapartida, lideranças firmes, serenas e justas favorecem disciplina, foco e capacidade de adaptação.

Aplicada à atividade policial, a doutrina de Wu Qi reforça a importância de programas sólidos de formação de líderes, de doutrina clara e estável, de treinamento repetitivo de protocolos críticos, de cultura institucional baseada em valores e de construção deliberada de coesão entre unidades táticas. Um batalhão que treina junto, conhece seus protocolos, confia em seus comandantes e partilha uma identidade moral bem definida tende a cometer menos erros graves sob pressão e a responder de forma mais eficiente a incidentes complexos. Em termos práticos, Wu Qi demonstra que a eficácia operacional nasce tanto da técnica quanto do caráter, e que a liderança é um fator de segurança tanto quanto o são o colete, a arma ou a viatura.

2.4 MOZI (CHINA, 470-391 A.C.): ENGENHARIA DEFENSIVA, LOGÍSTICA E PREVENÇÃO ESTRUTURADA

Mozi, filósofo e engenheiro militar, autor da obra *Mozi* (2017), representa a face mais tecnicista e racionalista da matriz oriental. Em um período marcado por cercos, guerras entre Estados e ameaças constantes a cidades fortificadas, este autor desenvolve uma teoria detalhada de fortificação, defesa, logística e preparação prévia. Seus textos descrevem máquinas de defesa, sistemas de muralhas, plataformas elevadas, fossos, armadilhas, técnicas de resistência a cercos e métodos de organização do trabalho em situações de ameaça prolongada. Em termos modernos, é um precursor da engenharia de segurança e da proteção de infraestruturas críticas.

Mozi fundamenta a Ciência Tática Policial deslocando o foco do combate reativo para a prevenção estruturada. Em vez de aceitar o ataque como inevitável, propõe que o ambiente seja

concebido e preparado para reduzir vulnerabilidades, dificultar a ação do agressor e ampliar as chances de sucesso da defesa. Essa lógica está presente na doutrina contemporânea das fases de prevenção, proteção e mitigação do ICS/NIMS, que enfatizam análise de risco, fortalecimento de pontos sensíveis, preparação de planos de contingência, logística adequada e criação de redundâncias.

Aplicada ao contexto policial, esta teoria se manifesta na arquitetura de segurança de escolas, estádios, terminais de transporte, grandes eventos e instalações estratégicas; na definição de fluxos de entrada e saída, barreiras físicas, rotas de evacuação, pontos de triagem, zonas de segurança e áreas de abrigo; no uso de tecnologias como câmeras, sensores, controle de acesso, iluminação, drones e centros de monitoramento; e na organização logística de operações prolongadas, com planejamento de recursos, alimentação, rodízio de equipes e apoio médico. Mozi demonstra que nenhuma operação alcança pleno êxito em ambiente mal preparado, e que investir em engenharia de segurança, análise de risco e prevenção é, em termos estratégicos, muito mais eficiente do que responder improvisadamente a crises anunciadas.

2.5 QIAO LIANG (CHINA, 1955-) E WANG XIANGSUI (CHINA, 1954-): GUERRA IRRESTRITA E CONFLITOS MULTIDOMÍNIO

Os coronéis Qiao Liang e Wang Xiangsui, autores de *Unrestricted Warfare* (1999), representam a atualização moderna da matriz oriental para o século XXI. Escrevendo na década de 1990, em um contexto marcado pela Guerra do Golfo, pela consolidação da hegemonia militar norte-americana e pela ascensão da globalização e das redes digitais, ambos defendem que a guerra contemporânea deixou de ser um fenômeno exclusivamente militar, passando a abranger dimensões econômicas, financeiras, midiáticas, jurídicas, tecnológicas e informacionais. A “guerra irrestrita” é aquela em que qualquer meio – desde sanções econômicas até ataques cibernéticos e campanhas de desinformação – pode ser utilizado para, de modo coordenado, constranger, desgastar ou paralisar o adversário sem, necessariamente, recorrer à violência física direta.

Esse modelo de conflito de multidomínio fundamenta a Ciência Tática Policial ao evidenciar que crises de segurança pública não se restringem mais ao campo operacional imediato. Uma ocorrência local pode, em minutos, gerar repercussões nacionais nas redes sociais, influenciar decisões políticas, provocar reações judiciais, afetar a imagem institucional e desencadear efeitos econômicos e reputacionais. Grupos criminosos organizados e atores violentos podem se utilizar de mídia, advogados, ONGs, plataformas digitais e narrativas vitimistas como instrumentos estratégicos para deslegitimar ações policiais, fragmentar a opinião pública e restringir o espaço de atuação do Estado.

Na prática, os conceitos de Qiao e Wang se aplicam à necessidade de centros de comando capazes de integrar comunicação social, inteligência, cibersegurança, análise jurídica e operações em campo; à importância de planejar a dimensão comunicacional de incidentes críticos; à compreensão de que crises podem se desdobrar em campanhas digitais contra a polícia; e à necessidade de formar lideranças com visão sistêmica, aptas a compreender a

ocorrência não apenas como confronto isolado, mas como evento inserido em um ecossistema informacional, político e social muito mais amplo.

2.6 QIN JIALIN (CHINA, DÉCADA DE 2000) E A ESCOLA DE GUERRA INFORMATIZADA: DOMINÂNCIA INFORMACIONAL E REDES INTEGRADAS

A chamada Escola de Guerra Informatizada, desenvolvida no âmbito da Academia de Ciências Militares da China (AMS) e representada por autores como Qin Jialin (2005), descreve a transição para um modelo de conflito no qual o centro de gravidade reside na informação articulada em rede. A “guerra informatizada” é aquela em que sensores, sistemas de comando e controle, comunicações, bancos de dados, algoritmos e plataformas digitais são integrados para produzir consciência situacional superior, acelerar o processo decisório e desorganizar a capacidade de coordenação do adversário. Nessa perspectiva, quem domina a informação – em quantidade, qualidade e velocidade – domina o campo de batalha.

Essa escola fundamenta diretamente a Ciência Tática Policial porque a Polícia contemporânea atua, cada vez mais, em ambientes marcados por múltiplas fontes de dados: chamadas telefônicas ao centro de emergência, câmeras urbanas, redes sociais, bancos de dados criminais, georreferenciamento, sensores, drones, rádios interoperáveis e sistemas de despacho assistido por computador. Em incidentes complexos, como ataques ativos, desastres, grandes eventos ou operações integradas contra o crime organizado, a capacidade de fundir dados, construir um quadro comum de situação, distribuir informação relevante em tempo real e tomar decisões rápidas e coerentes é decisiva para reduzir mortes, evitar erros e preservar a confiança da população.

Aplicada à atividade policial, a Escola de Guerra Informatizada oferece fundamento teórico à implantação de Centros Integrados de Comando e Controle (CICC), para a adoção de plataformas digitais de acompanhamento em tempo real, para o uso de ferramentas de análise preditiva, para a padronização de relatórios (como o CAN, Condições, Ações, Necessidades) e para a convergência entre doutrina de incidentes críticos (ICS/NIMS) e tecnologia. Em termos práticos, reforça a ideia de que a polícia moderna precisa atuar em rede, com interoperabilidade, redundância de comunicações, objetivos comuns e linguagem padronizada, sob pena de ver a sua capacidade de resposta colapsar diante de adversários que utilizam, com agilidade, as mesmas tecnologias.

3. MATRIZ ESTRATÉGICA OCIDENTAL E CONTRIBUIÇÕES À CIÊNCIA TÁTICA POLICIAL

A matriz estratégica ocidental desenvolveu-se a partir da experiência histórica de conflitos organizados, da consolidação dos Estados e da necessidade de estruturar o emprego legítimo da força em ambientes de elevada complexidade. Diferentemente da tradição oriental, que privilegia a indireção, a manipulação psicológica e o controle informacional do adversário, a tradição ocidental concentrou-se na organização do poder, na liderança formal, na disciplina, na

manobra, na logística e na decisão em contextos de confronto direto. Trata-se de uma matriz construída a partir da prática, do erro, da adaptação e da reflexão sistemática sobre o comando em situações extremas.

Ao longo da história, pensadores e comandantes ocidentais buscaram compreender como indivíduos e instituições podem manter coesão, eficiência e capacidade decisória sob condições de incerteza, fricção, risco e violência. Essa preocupação deu origem a conceitos fundamentais como liderança em campo, moral de tropa, unidade de comando, manobra, economia de forças, responsabilidade decisória, organização funcional e adaptação contínua. Tais elementos, embora formulados originalmente no contexto militar, possuem elevada aderência à atividade policial contemporânea.

A atuação policial moderna ocorre em ambientes marcados por pressão temporal, informações incompletas, elevado escrutínio social, riscos jurídicos e necessidade permanente de preservação da vida. Incidentes críticos, ataques ativos, distúrbios civis, operações de alto risco e eventos de grande vulto exigem não apenas técnica operacional, mas estruturas sólidas de comando, liderança legitimada, coordenação interagências e tomada de decisão responsável. Nesse sentido, a matriz estratégica ocidental oferece os fundamentos organizacionais e decisórios que sustentam a Ciência Tática Policial.



Pensadores da matriz estratégica ocidental e suas contribuições à Ciência Tática Policial (séc. IV a.C. – séc. XXI). Elaboração do autor.

Este capítulo analisa, em ordem histórica, pensadores e comandantes centrais da tradição ocidental – de Alexandre, Aníbal e Maquiavel, a Clausewitz, Jomini, Boyd, Heal e McChrystal –, demonstrando como seus conceitos estruturam a atuação policial contemporânea. Busca-se evidenciar que sistemas modernos de comando e controle, como o Incident Command System (ICS) e o National Incident Management System (NIMS), não surgem de forma isolada, mas

representam a síntese operacional de séculos de reflexão estratégica aplicada à gestão do conflito, da crise e da decisão sob risco.

A partir dessa perspectiva, a matriz ocidental não é tratada como um legado exclusivamente militar, mas como um arcabouço conceitual indispensável para compreender, organizar e aprimorar a atuação policial em sociedades complexas, democráticas e altamente expostas a eventos críticos de alta consequência.

3.1. ALEXANDRE III – “ALEXANDRE, O GRANDE” (MACEDÔNIA, 356-323 A.C.)

Alexandre III, da Macedônia, consolidou-se como uma das figuras mais marcantes da história estratégica ocidental não apenas pela extensão territorial de suas conquistas, mas pela forma singular como exerceu liderança, organizou forças e impôs ritmo ao conflito. Em pouco mais de uma década, construiu um império que se estendeu da Grécia ao vale do Indo, enfrentando adversários culturalmente diversos, operando em terrenos hostis e sustentando campanhas de elevada complexidade logística e política.

A liderança de Alexandre caracterizava-se pela proximidade com seus soldados, pela disposição de compartilhar riscos e pela capacidade de inspirar lealdade. Ele compreendia que a coesão moral era tão decisiva quanto a superioridade técnica ou numérica. Ao liderar pelo exemplo, criava vínculos de confiança que aumentavam a disciplina, a resiliência emocional e a capacidade de combate de suas tropas. Essa dimensão humana da liderança antecede, em séculos, as modernas teorias sobre moral, coesão de grupo e liderança transformacional.

Do ponto de vista operacional, Alexandre destacou-se pelo domínio do tempo e da iniciativa. Suas campanhas foram marcadas por deslocamentos rápidos, mudanças inesperadas de direção e ataques lançados antes que o adversário fosse capaz de se reorganizar. Ao impor ritmo ao conflito, colocava o inimigo em constante estado reativo, privando-o de tempo para planejar, consolidar defesas ou recuperar a iniciativa. Essa lógica de aceleração decisória antecipa conceitos modernos associados à superioridade temporal e ao colapso do processo decisório do oponente.

Alexandre também demonstrou notável flexibilidade política e cultural. Em vez de limitar-se à destruição do inimigo, buscava integrar elites locais, respeitar costumes e administrar os territórios conquistados de forma pragmática. Essa visão amplia o conceito de vitória, compreendendo que o sucesso estratégico depende não apenas do combate, mas da capacidade de estabilizar e governar o espaço conquistado – princípio plenamente aplicável à segurança pública, que lida com a gestão contínua da ordem social.

3.2. ANÍBAL BARCA (CARTAGO, 247-183 A.C.)

Aníbal Barca representa o ápice da criatividade estratégica e da manobra em condições de extrema assimetria. General cartaginês, enfrentou Roma durante a Segunda Guerra Púnica em um cenário de clara inferioridade material, demográfica e política. Ainda assim, impôs derrotas sucessivas a um dos exércitos mais poderosos da Antiguidade, demonstrando que inteligência,

adaptação e leitura do ambiente podem compensar desvantagens estruturais significativas.

A travessia dos Alpes com um exército heterogêneo constitui, por si só, uma demonstração de audácia estratégica, resiliência logística e liderança sob condições extremas. Contudo, foi na Batalha de Canas, em 216 a.C., que Aníbal consolidou definitivamente o seu lugar na história da estratégia. Ao enfrentar um exército romano numericamente superior, empregou um dispositivo flexível e deliberadamente não convencional, atraindo o inimigo para o centro enquanto seus flancos realizavam um envolvimento progressivo, resultando no colapso total da força adversária.

Aníbal demonstrou que o embate frontal contra forças superiores tende ao fracasso e que a vitória estratégica depende da capacidade de explorar vulnerabilidades, compreender o comportamento do adversário e utilizar o terreno de forma inteligente. Sua abordagem evidencia que a superioridade não reside necessariamente na quantidade de recursos, mas na forma como são empregados. Em termos conceituais, Aníbal antecipa a lógica das operações assimétricas, hoje amplamente discutidas tanto no campo militar quanto no da segurança pública.

A contribuição de Aníbal para a ciência estratégica reside na compreensão de que a adaptação constante, a criatividade e a manobra são instrumentos essenciais para operar em ambientes complexos, imprevisíveis e hostis. Essa lógica é particularmente relevante para a atuação policial em cenários urbanos densos, marcados por múltiplos atores, limitações legais e elevado risco colateral.

3.3. NICOLAU MAQUIAVEL (FLORENÇA, 1469-1527)

Nicolau Maquiavel inaugura o pensamento político moderno ao analisar o poder a partir da realidade concreta, rompendo com idealismos normativos e propondo uma leitura pragmática da ação governamental. Inserido em um contexto de instabilidade política, guerras entre cidades-Estado e interferências estrangeiras, buscou compreender por que alguns governantes mantinham o poder enquanto outros fracassavam.

Em obras como *O Príncipe*, Maquiavel introduz conceitos centrais para a compreensão da liderança em ambientes de crise. A distinção entre *virtù* e fortuna permite compreender que a ação humana ocorre sempre em interação com fatores imprevisíveis. A *virtù* representa a capacidade de agir com coragem, inteligência, prudência e iniciativa diante da adversidade; a fortuna simboliza o acaso, as circunstâncias externas e os eventos fora do controle do decisor. O governante eficaz é aquele capaz de mitigar os efeitos da fortuna por meio da *virtù*.

Maquiavel também estabelece uma separação fundamental entre moral privada e responsabilidade pública. Para ele, o governante deve ser avaliado pelos resultados de suas decisões sobre a estabilidade do Estado, e não apenas pelas intenções que as motivaram. Essa abordagem não defende a arbitrariedade, mas reconhece que a liderança em contextos críticos envolve dilemas morais complexos, nos quais a omissão ou a indecisão podem produzir consequências mais graves do que decisões firmes e impopulares.

No campo da segurança pública, a contribuição maquiaveliana reside na compreensão da decisão como ato de responsabilidade institucional. A gestão de crises, a comunicação estratégica, a preservação da legitimidade e a capacidade de assumir decisões sob intensa pressão social, política e midiática encontram em Maquiavel um arcabouço teórico sólido e realista.

3.4. CARL VON CLAUSEWITZ (SACRO IMPÉRIO ROMANO-GERMÂNICO, 1780-1831)

Carl von Clausewitz é amplamente reconhecido como o principal teórico ocidental da natureza do conflito. Sua obra *Da Guerra* resulta da observação direta das guerras napoleônicas e de profunda reflexão filosófica sobre o fenômeno da guerra enquanto expressão da condição humana. Clausewitz rompe com tentativas de reduzir o conflito a regras fixas e introduz uma visão dinâmica, complexa e profundamente humana.

Para Clausewitz, a guerra é um “camaleão”, cuja forma varia conforme o contexto político, social e histórico. Ao afirmar que a guerra é a continuação da política por outros meios, estabelece que o conflito jamais é um fim em si mesmo, mas instrumento subordinado a objetivos mais amplos. Essa concepção é essencial para compreender a atuação policial, que opera permanentemente subordinada a marcos legais, políticos e institucionais.

Dois conceitos clausewitzianos são particularmente relevantes: fricção e névoa da guerra. A fricção representa tudo aquilo que dificulta a execução dos planos na prática – falhas humanas, erros de comunicação, limitações técnicas, estresse, fadiga e imprevisibilidade. A névoa da guerra refere-se à incerteza permanente que envolve a tomada de decisão, marcada por informações incompletas, ambíguas ou contraditórias. Clausewitz demonstra que a decisão estratégica ocorre sempre sob incerteza, exigindo coragem moral, julgamento e intuição treinada.

Ao reconhecer a inevitabilidade da fricção e da névoa, Clausewitz fornece fundamentos teóricos para a construção de doutrinas resilientes, flexíveis e adaptativas. No contexto policial, essa visão sustenta a necessidade de planos ajustáveis, estruturas de comando claras e líderes capazes de decidir mesmo na ausência de certeza plena.

3.5. ANTOINE-HENRI JOMINI (SUÍÇA, 1779-1869)

Antoine-Henri Jomini ocupa posição singular na tradição estratégica ocidental por buscar transformar a guerra em um campo racionalmente organizado, regido por princípios passíveis de sistematização. Contemporâneo de Clausewitz e observador atento das guerras napoleônicas, acreditava que, embora o conflito envolvesse incertezas, era possível identificar regras gerais capazes de orientar o planejamento, a organização e a condução das operações.

Em sua obra *Précis de l'Art de la Guerre*, Jomini desenvolve conceitos como linhas de operação, pontos decisivos, bases de apoio, objetivos estratégicos e unidade de comando. Sua preocupação central é a clareza estrutural: planos simples, objetivos bem definidos e coordenação rigorosa entre funções. Para Jomini, a confusão organizacional é uma das principais causas do fracasso

operacional.

Embora criticado por certa rigidez conceitual, Jomini oferece a base intelectual da organização moderna do comando. Seus princípios influenciaram profundamente as academias militares do século XIX e início do século XX e permanecem presentes, de forma adaptada, nos sistemas contemporâneos de comando e controle. A ideia de que uma organização eficaz precisa de objetivos claros, cadeias de comando bem definidas e divisão funcional do trabalho é um legado jominiano direto.

No campo da segurança pública, essa contribuição é particularmente relevante. Incidentes críticos, grandes eventos, operações interagências e respostas a desastres exigem organização precisa para evitar sobreposição de funções, lacunas de responsabilidade e conflitos de autoridade. A lógica jominiana estrutura o pensamento que, mais tarde, se materializa em sistemas como o ICS/NIMS, nos quais a simplicidade organizacional e a clareza decisória são valores centrais.

3.6. JOHN RICHARD BOYD (EUA, 1927-1997)

John Boyd representa uma inflexão decisiva no pensamento estratégico ocidental ao deslocar o centro de gravidade do conflito para a cognição, o tempo e a adaptação. Coronel da Força Aérea dos Estados Unidos, Boyd desenvolveu sua teoria a partir de análises de combates aéreos, mas rapidamente expandiu suas conclusões para a guerra, a política, os negócios e a tomada de decisão humana sob estresse.

Sua formulação mais conhecida, o ciclo OODA (Observar, Orientar, Decidir, Agir), descreve o processo pelo qual indivíduos e organizações interagem com ambientes dinâmicos. Boyd demonstra que a vantagem estratégica não está apenas em percorrer corretamente esse ciclo, mas em fazê-lo mais rapidamente e com maior qualidade cognitiva do que o adversário, provocando desorganização mental e colapso decisório.

O elemento central do modelo é a orientação. Nela se concentram experiências prévias, cultura organizacional, treinamento, valores, modelos mentais e vieses cognitivos. Boyd antecipa, de forma notável, as discussões contemporâneas sobre heurísticas, vieses e limitações cognitivas descritas pela psicologia moderna. Decisões falhas, segundo Boyd, decorrem mais de orientações distorcidas do que de falta de informação.

Ao integrar conceitos da termodinâmica, da biologia evolucionista e da teoria dos sistemas complexos, Boyd propõe que organizações eficazes são aquelas capazes de aprender, adaptar-se e evoluir continuamente. Estruturas rígidas, excessivamente hierarquizadas e lentas tendem a fracassar em ambientes voláteis. Essa constatação possui impacto direto sobre a organização policial, especialmente em cenários de ataques ativos, crises com reféns e eventos de rápida escalada.

3.7. SID HEAL (EUA, 1939-2021)

Sid Heal é amplamente reconhecido como o principal sistematizador contemporâneo da Ciência

Tática Policial. Oficial do Los Angeles County Sheriff's Department, Heal integrou décadas de experiência operacional com sólida reflexão teórica, produzindo um corpo doutrinário especificamente voltado à realidade policial – e não simplesmente adaptado da guerra.

Em obras como *Tactical Doctrine e Field Command*, Heal estabelece princípios universais de decisão tática orientados pela primazia da preservação da vida. Para ele, toda ação policial deve ser avaliada não apenas por sua eficácia imediata, mas pelo seu impacto humano, jurídico e institucional. Essa perspectiva desloca o foco do confronto para a estabilização do incidente e a redução de mortes evitáveis.

Heal enfatiza a liderança de campo, reconhecendo que o comandante não possui percepção total da ocorrência. Assim, defende a descentralização responsável da decisão, desde que exista doutrina comum, clareza de objetivos e disciplina organizacional. Essa abordagem dialoga diretamente com os modelos modernos de comando distribuído e com a lógica do ICS/NIMS.

Outro aspecto central da sua contribuição é a sistematização de filtros decisórios – necessidade, proporcionalidade, simplicidade, segurança, vantagem e oportunidade – que orientam o julgamento tático sob estresse. Esses filtros transformam a decisão policial em um processo racional, auditável e defensável, fortalecendo tanto a eficácia operacional quanto a legitimidade institucional.

3.8. STANLEY MCCHRYSTAL (EUA, 1954-)

Stanley McChrystal representa a transição definitiva da matriz estratégica ocidental para o paradigma da complexidade e das redes adaptativas. Como comandante do Joint Special Operations Command (JSOC), enfrentou organizações insurgentes altamente descentralizadas, capazes de aprender e se adaptar com rapidez superior à de estruturas militares tradicionais.

Em *Team of Teams*, McChrystal demonstra que modelos hierárquicos rígidos tornam-se ineficazes diante de ameaças em rede. Sua proposta não elimina a hierarquia, mas a complementa com redes de equipes interconectadas por confiança, compartilhamento intenso de informações e compreensão comum da missão. O comando passa a ser menos centrado no controle e mais orientado à sincronização.

Essa abordagem é particularmente relevante para a segurança pública contemporânea, marcada por múltiplas agências, múltiplos incidentes simultâneos, intensa exposição midiática e necessidade de resposta rápida. A lógica de “equipes de equipes” permite integrar polícia, bombeiros, saúde, defesa civil e demais atores em um ecossistema cooperativo, reduzindo fricção, atrasos e falhas de coordenação.

McChrystal reforça a ideia de que a superioridade em ambientes complexos não decorre apenas de recursos materiais, mas da capacidade de aprender, adaptar-se e decidir coletivamente em ritmo acelerado. Essa visão converge diretamente com Boyd, Heal e com a filosofia operacional do ICS/NIMS.

SÍNTESE DA MATRIZ OCIDENTAL

A matriz estratégica ocidental, em sua evolução histórica, fornece os pilares fundamentais da Ciência Tática Policial: liderança visível e moral elevada (Alexandre), criatividade e manobra em assimetria (Aníbal), responsabilidade decisória e gestão do poder (Maquiavel), compreensão da incerteza e da fricção (Clausewitz), organização racional do comando (Jomini), centralidade do tempo e da cognição (Boyd), primazia da vida e doutrina policial própria (Heal) e atuação em redes adaptativas (McChrystal).

O Sistema de Comando de Incidentes (ICS) e o Sistema Nacional de Gestão de Incidentes (NIMS) surgem como a síntese operacional contemporânea dessa tradição, traduzindo séculos de pensamento estratégico em estruturas práticas para a gestão de incidentes críticos. Neste sentido, a Ciência Tática Policial não é uma inovação isolada, mas a culminação histórica da tradição estratégica ocidental aplicada à proteção da vida, à ordem pública e à legitimidade institucional.

4. INTEGRAÇÃO DAS MATRIZES ORIENTAL E OCIDENTAL NA CIÊNCIA TÁTICA POLICIAL



Convergência das matrizes estratégicas oriental e ocidental: conceitos centrais e sua síntese na Ciência Tática Policial e nos sistemas ICS/NIMS. Elaboração do autor.

A análise conjunta das matrizes estratégica oriental e ocidental demonstra que, apesar das diferenças culturais, históricas e metodológicas, ambas convergem para um núcleo comum: o

conflito é um fenômeno humano, cognitivo e organizacional, marcado por incerteza, limitação perceptiva, pressão temporal e confronto de vontades. A Ciência Tática Policial, ao lidar com crises reais em ambientes urbanos complexos, herda diretamente essa herança teórica, ainda que muitas vezes sem reconhecê-la explicitamente.

A matriz oriental contribui com a compreensão profunda da psicologia do conflito, da manipulação da percepção, do uso do tempo como variável estratégica e da centralidade da informação. Sun Tzu, Sun Bin, Wu Qi e Mozi demonstram que a vantagem decisória nasce, antes do contato físico, no domínio cognitivo e emocional do ambiente. Essa abordagem encontra correspondência direta nas fases iniciais do ICS/NIMS, especialmente na prevenção, proteção e mitigação, nas quais a coleta de informações, a leitura do ambiente e o planejamento reduzem drasticamente a probabilidade de escalada violenta.

Já a matriz ocidental fornece os alicerces organizacionais, decisórios e institucionais da atuação policial. Alexandre, Aníbal, Maquiavel, Clausewitz e Jomini estruturam a compreensão do comando, da liderança, da responsabilidade decisória, da fricção e da organização do esforço coletivo. Em autores contemporâneos como Boyd, Heal e McChrystal, essa tradição é atualizada à luz da ciência cognitiva, da teoria dos sistemas complexos e da realidade das operações em rede, oferecendo um modelo plenamente compatível com os desafios da segurança pública moderna.

A integração dessas matrizes revela que o ICS/NIMS não surge como inovação isolada, mas como síntese operacional contemporânea de princípios estratégicos milenares. A unidade de comando reflete Jomini; a flexibilidade diante da fricção remete a Clausewitz; a descentralização responsável dialoga com Boyd e Heal; a centralidade da informação ecoa Sun Tzu; e a operação em rede encontra paralelo direto nas formulações chinesas modernas de guerra informatizada e na proposta de McChrystal de “equipes de equipes”.

5. A CIÊNCIA TÁTICA POLICIAL COMO CAMPO AUTÔNOMO DO CONHECIMENTO

A partir dessa integração, torna-se possível afirmar que a Ciência Tática Policial constitui um campo autônomo do conhecimento aplicado, situado na intersecção entre estratégia, psicologia, sociologia, direito, gestão de riscos e ciência organizacional. Diferentemente da doutrina militar clássica, a atuação policial está condicionada por limites jurídicos, exposição pública permanente, imperativo ético da preservação da vida e necessidade de legitimidade social. Esses fatores exigem uma abordagem estratégica própria, que Heal foi um dos primeiros a sistematizar de forma explícita.

A Ciência Tática Policial opera sob a premissa de que o sucesso não se mede pela destruição do adversário, mas pela estabilização do incidente, pela redução de danos e pela preservação da vida – inclusive a do agressor, sempre que possível. Neste sentido, conceitos como vitória sem combate, indução comportamental, economia de meios e liderança moral deixam de ser

abstrações teóricas e passam a constituir critérios objetivos de decisão em campo.

Do ponto de vista científico, a atuação policial pode ser compreendida como uma sequência contínua de ciclos decisórios sob estresse, nos quais percepção, orientação, decisão e ação se retroalimentam. Erros graves raramente decorrem da ausência de força, mas da falha cognitiva, da má leitura do ambiente, da comunicação deficiente ou da quebra da coesão organizacional. A literatura estratégica em análise oferece instrumentos conceituais sólidos para se compreender, prevenir e mitigar esses erros.

6. IMPLICAÇÕES PRÁTICAS PARA A DOCTRINA, TREINAMENTO E COMANDO POLICIAL

A incorporação sistemática dos princípios estratégicos orientais e ocidentais à Ciência Tática Policial implica mudanças profundas na doutrina, no treinamento e no comando. No plano doutrinário, exige-se clareza de objetivos, padronização de procedimentos e alinhamento conceitual entre todos os níveis da organização, de modo que decisões descentralizadas ocorram dentro de um mesmo arcabouço mental.



Ciclo de gestão de incidentes (ICS/NIMS): fases de prevenção, proteção, mitigação, resposta e recuperação e os fundamentos estratégicos correspondentes. Adaptado de FEMA (2017).

No plano do treinamento, torna-se indispensável o desenvolvimento de competências cognitivas, emocionais e comunicacionais, e não apenas técnicas. A repetição de protocolos visa reduzir a carga cognitiva sob estresse, enquanto exercícios baseados em cenários reais fortalecem a orientação decisória. Nesse aspecto, a lógica de Boyd e Heal mostra-se particularmente relevante, pois privilegia a qualidade da decisão em detrimento da simples

velocidade ou agressividade da ação.

No plano do comando, a liderança policial deve ser compreendida como função estratégica e moral. O comandante não apenas coordena recursos, mas molda o comportamento das equipes, influencia o clima emocional da ocorrência e responde institucionalmente pelas consequências das decisões tomadas. A aplicação rigorosa dos princípios do ICS/NIMS oferece a estrutura necessária para que essa liderança seja exercida de forma organizada, transparente e eficaz.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou que a Ciência Tática Policial não pode ser compreendida de forma isolada ou meramente técnica. Ela é herdeira direta de uma longa tradição estratégica que atravessa séculos e culturas, do pensamento oriental clássico às teorias contemporâneas de sistemas complexos e operações em rede. A integração dessas matrizes fornece um arcabouço robusto para compreender o comportamento humano sob risco, estruturar decisões em ambientes hostis e reduzir mortes evitáveis.

Ao dialogar com Sun Tzu, Sun Bin, Wu Qi, Mozi, Alexandre, Aníbal, Maquiavel, Clausewitz, Jomini, Boyd, Heal e McChrystal, fica evidente que a estratégia permanece essencialmente humana, mesmo em um mundo tecnologicamente avançado. A polícia contemporânea, ao adotar conscientemente esses fundamentos e operacionalizá-los por meio de estruturas como o ICS/NIMS, fortalece sua capacidade de proteger a sociedade, preservar vidas e manter a legitimidade institucional.

Em última análise, estudar estratégia aplicada à atividade policial não é um exercício acadêmico abstrato, mas um compromisso ético com a vida, a segurança pública e a responsabilidade do Estado diante do cidadão comum.

REFERÊNCIAS

ARRIANO. *Anábase de Alexandre*. Tradução de Mário da Gama Kury. São Paulo: Editora 34, 2016.

BOYD, John Richard. *Patterns of Conflict*. Maxwell Air Force Base: Air University Press, 1986.

BOYD, John Richard. *A Discourse on Winning and Losing*. Maxwell Air Force Base: Air University Press, 2018.

CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. Tradução de Luiz Carlos Nascimento Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FEMA – *Federal Emergency Management Agency*. *National Incident Management System*. Washington, DC: U.S. Department of Homeland Security, 2017.

GAT, Azar. *A history of military thought: from the Enlightenment to the Cold War*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

- HEAL, Sid. *Tactical doctrine*. Santa Ana: Center for Tactical Studies, 2005.
- HEAL, Sid. *Field command*. Santa Ana: Center for Tactical Studies, 2012.
- HEUER, Richards J. *Psychology of intelligence analysis*. Washington, DC: Central Intelligence Agency, 1999.
- JOMINI, Antoine-Henri. *Resumo da arte da guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.
- KAHNEMAN, Daniel. *Rápido e devagar: duas formas de pensar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- MCCHRISTAL, Stanley; COLLINS, Tantum; SILVERMAN, David; FUSSELL, Chris. *Team of teams: new rules of engagement for a complex world*. New York: Penguin, 2015.
- MOZI. *Mozi: basic writings*. Tradução de Burton Watson. New York: Columbia University Press, 2017.
- POLÍBIO. *Histórias*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- QIAO, Liang; WANG, Xiangsui. *Unrestricted warfare*. Beijing: PLA Literature and Arts Publishing House, 1999.
- SUN BIN. *Sun Bin: the art of warfare*. Tradução de Ralph Sawyer. Boulder: Westview Press, 2003.
- SUN TZU. *A arte da guerra*. Tradução de Thomas Cleary. São Paulo: L&PM, 2018.
- WU QI. *Wuzi: the art of war*. Tradução de Ralph Sawyer. Boulder: Westview Press, 2010.

***Valmor Saraiva Racorti** é coronel da PMESP e instrutor pela Universidade do Texas/Programa ALERRT. Comandou o Batalhão de Operações Especiais, que compreende o GATE e o COE. Realizou o Curso Preparatório de Formação de Oficiais em 1990-1991. Graduado em Direito pela UNISUL, é bacharel, mestre e doutor em Ciências Policiais de Segurança e Ordem Pública pelo Centro de Altos Estudos de Segurança “Cel PM Nelson Freire Terra”. Foi comandante de Pelotão ROTA no 1º BPChq de 1994 a 2006, Chefe Operações do COPOM em 2006, Oficial de Segurança e Ajudante de Ordens do Governador do Estado de 2007 a 2014, Comandante de Companhia ROTA no 1º BPChq de 2014 a 2016 e Comandante do GATE de 2016 a 2019. Já atuou em mais de 500 incidentes críticos. Atualmente, é comandante dos Batalhões de Choque da PMESP.
